

# Nietzsche e o caos

## A abordagem de Michel Haar

Alberto Marcos Onate\*

**Resumo:** Partindo da análise do artigo “Vida e totalidade natural”, conta-se trazer ao público brasileiro aspectos relevantes da leitura que Haar desenvolve em torno da obra de Nietzsche. Procura-se, ainda, explorar as implicações filosóficas de sua polêmica com as teses de Heidegger acerca da concepção nietzschiana de caos.

**Palavras-chave:** caos – natureza – vida – *amor fati*

“... para exercitar dessa forma o ler como *arte*, é preciso antes de tudo algo que hoje em dia é precisamente o que mais se desaprendeu - e por isso há tempo ainda até a ‘legibilidade’ de meus escritos – para o qual se tem de ser quase vaca e, em todo caso, não ‘homem moderno’: o ruminar...” (GM/GM Prefácio § 8).

Reflexo da riqueza inscrita no trabalho filosófico de Nietzsche, as tentativas de interpretá-lo parecem fadadas a trilhar senda perdidas. Haar está ciente dos perigos que rondam sua empreitada: “É na inapreensível mistura de destruição e de afirmação – destruição que regenera e afirmação em que toda certeza adquirida é dissolvida e se oculta – que se

---

\* Professor do Departamento de Filosofia da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE) e doutorando do Departamento de Filosofia na Universidade de São Paulo.

encontra sem dúvida o caráter mais desorientador desse pensamento. Longe de nós pretender fornecer a chave, pois ele tem necessariamente várias ‘entradas’” (Haar 1, pp. 17-8). Por certo, o artigo que ora vertemos para o português não nos fornece esta chave, mas nos indica pistas confiáveis para nos aproximarmos com segurança das portas e janelas do labirinto nietzschiano. O foco da investigação concerne à idéia de caos, noção que aguça o questionamento filosófico desde sua aurora grega, e é assimilada pelo pensador alemão segundo um enfoque inovador: o círculo do eterno retorno.

A associação Nietzsche/estoicismo é a estratégia preliminar empregada por Haar para introduzir a problemática do caos. Mais do que inversão do paradigma estóico pautada em divergências apenas teóricas, trata-se de uma relação agonística marcada por aproximações e afastamentos cujo denominador aponta ao para-além (*jenseits*). Se a fixidez moral é rechaçada em bloco, a dureza no trato consigo mesmo é exaltada. Mas é na tese do Grande Vivente que o embate produz seus melhores frutos: questionar a organicidade do mundo significa perguntar pelo fundamento da totalidade dos entes, vale dizer, afrontar decisivamente o cerne da própria metafísica.

Se a natureza não é um organismo, que alternativa nos resta para concebê-la? A epígrafe do artigo é dirimente: é o caos que dá o caráter do mundo em totalidade. A conquista da noção de caos implica em duas tarefas complementares: desumanizar a natureza é naturalizar o homem. Na raiz desse duplo esforço encontra-se uma mudança profunda na concepção tradicional da vida. Se num primeiro momento Nietzsche identifica estritamente vida e vontade de potência, gradativamente se consolida a afirmação de que a primeira é apenas uma parcela específica da segunda. As próprias fronteiras entre o orgânico e o inorgânico são relativizadas ou, até mesmo, extintas: todas as esferas do ser visam a ampliar seus domínios, todas percebem, pensam, no limite, “vivem”. A diferença entre orgânico e inorgânico, se houver, será tão somente de grau, e, sobretudo, favorável à segunda dimensão.

Viver significa interpretar, medir segundo as forças ausentes em cada formação temporária de domínio. Haar esmera-se em apresentar a

concepção nietzschiana de vida consoante dois prismas: um valendo-se de componentes negativos e outro realçando sua configuração positiva. No primeiro, os operadores conceituais escolhidos são a injustiça, a mentira e a exploração; no segundo, coloca-se em relevo a vida enquanto criação, enquanto atividade plasmadora soberana e privilegia-se o conceito de incorporação (*Einverleibung*). É neste último enfoque que podemos acompanhar o procedimento inversivo ainda presente nos escritos nietzschianos: a consciência, o espírito, a “pequena razão”, dá lugar aos instintos, ao corpo criador, à “grande razão”. Mas tal inversão remete a um plano que não se dobra à cognoscibilidade, seguindo os moldes da coisa-em-si, noção astuciosa forjada pelo *chinês de Königsberg* para garantir o funcionamento de seu sistema arquitetônico. Como Nietzsche atenua ou elide a postura ultra-racional implícita no conceito de vida enquanto vontade de potência? Associando o caos à totalidade, sob a figura emblemática do eterno retorno.

A universalização do caos permitiria liberar o mundo enquanto totalidade dos ditames da “grande razão”. Contudo, para que tal procedimento se justifique, falta mostrar de que maneira a unidade se coaduna com o caos. Não estaríamos diante de uma contradição evidente? É na imagem do anel, do círculo, que Nietzsche pretende encontrar a saída para este enigma. Levadas a seus limites, a lógica e a linguagem soçobram, deixando aberto o caminho para as experiências do pensar aforístico e poético, em suma, imagético. *Assim falava Zaratustra* é o exemplo maior dessa arte suprema de bailar com as idéias, na proximidade de um êxtase dionisiaco.

Também o conceito de caos é explorado por Haar conforme duas perspectivas: em sua vertente corrosiva ele serve para desestabilizar a organicidade e a teleologia atribuídas ao mundo; num viés positivo, ele preenche a função de matéria-prima para o exercício inexorável da função plasmadora da vontade de potência. Caos e imposição de formas alternam-se indefinidamente, propiciando configurações hierárquicas transitórias a partir das quais o fluxo é retomado. Nessa medida, talvez se possa dizer que caos e vontade de potência constituem os dois lados da mesma moeda: vir-a-ser.

Assim montada a estratégia conceitual, Haar introduz a interpretação de Heidegger acerca da noção nietzschiana de caos. Empenhado em racionalizar, em amenizar o caótico do próprio caos, o pensador da Floresta Negra teria desenvolvido três abordagens, municadas pela doutrina do velamento/desvelamento do ser. Na primeira versão, o conceito de caos aproxima-se daquele de *Physis*, de abertura ontológica possibilitadora da presença dos entes. Esse abismo originário (*Abgrund*) teria o mérito de impedir todo e qualquer apelo divinizante. Num segundo momento, o caos funciona como matriz conceitual de uma “teologia negativa”, expressão da inefabilidade do processo totalizador que, ao longo da história, tem assumido a roupagem de um referencial soberano e fundante.

É no que tange à terceira abordagem que a dissonância se aprofunda. Heidegger teria associado intimamente aquilo que Nietzsche mostrara-se cioso em separar: organicidade e caos. Equívoco grosseiro de leitura? Não! Sintoma de desconforto perante a radical falta de sentido do mundo, sentido que precisaria ser resgatado, ainda que no âmbito da imanência. Para escapar dessa recaída sempre sedutora, deve-se avançar continuamente na afirmação da “natureza nua”, arrancando dela, com a violência de um guerreiro, apenas os segredos fisiológicos ali entranhados. Lembremos da divisa constantemente reafirmada por Nietzsche: “Tomar como ponto de partida o corpo e fazer dele um fio condutor, eis o essencial” (Cf., entre outros, XI, 40 (15)).

O único antídoto eficaz contra a ausência de sentido do mundo, contra o caos que acompanha o eterno retorno, é o *amor fati*, a afirmação incondicional da totalidade, cuja abrangência os *Ditirambos a Dionísio* expressaram com maestria:

“...eterno ‘sim’ do Ser  
para sempre eu serei teu ‘sim’”.

Poderíamos, nós modernos, proferir com legitimidade tais palavras? Estaríamos aptos sequer a ruminá-las?

**Abstract:** Starting from the analysis of the paper “Life and natural totality”, it intends to show to Brazilian public some important aspects of the reading that Haar develops about Nietzsche’s work. Moreover, it intends to explore the philosophical implications of his polemic with Heidegger’s thesis about the Nietzschean conception of chaos.

**Key-words:** chaos – nature – life – *amor fati*.

## Referências bibliográficas

1. HAAR, Michel. *Nietzsche et la métaphysique*. Paris: Gallimard, 1993.
2. NIETZSCHE, Friedrich. *Werke. Kritische Gesamtausgabe*. Edição Colli e Montinari. Berlim: Walter de Gruyter & Co., 1967-78.